

CAPÍTULO 6

DESAFIOS DA SOCIABILIDADE E INCLUSÃO DIGITAL

Muito além de simplesmente
pagar contas

ANGELO GUIMARÃES DELLA CROCE
CARLOS EDUARDO HENNING

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/06

re uma expansão sem igual das interações sociais mediadas pelo acesso à internet por meio da troca de mensagens, de fotos, textos, das chamadas de vídeo, meios vistos como mais seguros de se interagir com parentes, amigos/as, parceiros/as e entes queridos. Pessoas tornadas mais próximas, embora contraditoriamente ainda tão distantes.

Sabemos que o acesso, em si, à internet, aos pacotes de dados, smartphones, computadores e demais dispositivos digitais não estão disponíveis a uma grande parcela de nossa população. E além da desigualdade no acesso em si, também conhecemos inúmeros exemplos de pessoas idosas (LGBTI+ ou não, e até mesmo mais jovens) que resistem, se recusam ou simplesmente não conseguem navegar tão bem os mares revoltosos da incessante inovação tecnológica.

Estariam as pessoas idosas – em particular as LGBTI+ – condenadas a um déficit de conectividade digital frente ao progresso tecnológico? Qual é a relevância e o impacto de programas, iniciativas e atividades de sociabilidade mediadas pelo acesso à internet voltadas para pessoas idosas LGBTI+ ao longo da pandemia? Como organizações da sociedade civil e o Estado podem dar resposta a tais desafios?

GERONTOLOGIA LGBTI+, ORGULHO GRISALHO E NOVAS FORMAS DE POLITIZAÇÃO DAS VELHICES

Analisando o movimento de aposentados/as e pensionistas e o modo como estes/as se tornaram importantes atores políticos, Júlio Assis Simões (1998, p. 14) discorre sobre como tais sujeitos passam a ser vistos como “uma espécie de corporação, com interesses específicos, demandas próprias e formas de atuação no espaço público”. De acordo com o autor, o surgimento dessa categoria teria tomado impulso no Brasil no início da década de 1990, contribuindo para uma politização específica da velhice na sociedade brasileira da época.

Portanto, em oposição à ideia estereotipada de que pessoas idosas seriam um estorvo, um peso inerte para a sociedade, surgiram novos discursos e uma visão mais positiva da pessoa idosa socialmente ativa, desempenhando um papel de grande relevância. Um dos efeitos dessas mudanças nas últimas décadas foi a expansão de instituições, programas, iniciativas e um mercado consumidor voltado para a chamada “terceira idade”. Tal conjuntura contribuiu para a criação de novos significados sobre a velhice, para uma arena mais propícia à crítica ao etarismo¹, às reivindicações de direitos sociais e à ampliação da participação mais ativa e visível da pessoa idosa na sociedade.

Esse processo de politização do envelhecimento, entretanto, se mantinha alheio às discussões sobre erotismo e sexualidade na velhice. Nesse sentido, na busca por questionar o “mito da velhice assexual”, autores/as da gerontologia e da sexologia têm promovido nas últimas décadas um “processo de erotização do envelhecimento”. Processo este que passa a defender a sexualidade ativa como parte importante de um envelhecimento e velhice bem-sucedidos.

Esse processo de erotização de que falam tais autores/as, por outro lado, tende a se voltar somente para o envelhecimento de homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais, ignorando quase inteiramente experiências relacionadas às velhices de pessoas LGBTI+. Portanto, há ainda um panorama cisnormativo e heteronormativo sobre a velhice que por meio de fortes moralismos

tende a apagar deliberadamente do horizonte de preocupações analíticas e políticas as práticas erótico-sexuais, assim com as identidades sexuais e de gênero, de velhos e velhas que dissidam de certas referências normativas quanto a gênero e sexualidade (HENNING, 2017, p. 284).

¹ Veja o capítulo 5: “Etarismos e a diversidade sexual e de gênero”.

Em oposição a esse panorama e questionando a ideia monolítica de velhice como meramente heterossexual e cisgênero, têm surgido nas últimas décadas o que Carlos Eduardo Henning (2020b, p.150) denomina de um “orgulho grisalho”, uma maneira específica de conectar e mobilizar as pautas, necessidades e demandas das pessoas idosas àquelas das pessoas LGBTI+. Esse processo específico e inovador de politização do envelhecimento, de subjetivação e de produção de novos atores sociais tem se desenvolvido de variadas formas por meio de pesquisas acadêmicas, movimentos sociais e organizações não governamentais desde fins dos anos 1960.

Temos presenciado recentemente, portanto, uma ampliação na visibilidade das pessoas que alcançam a velhice se identificando como LGBTI+. São pessoas que, em termos gerais, testemunharam e participaram de intensas transformações sociais desde suas juventudes: a Revolta de Stonewall, as lutas pelos Direitos Civis, os Movimentos de Liberação Homossexual, os Movimentos Feministas e os Movimentos Negros a partir dos anos 1960, a despatologização da homossexualidade, a eclosão da epidemia do HIV/Aids, assim como – no caso sul-americano – os regimes ditatoriais, e mais recentemente os novos movimentos ultraconservadores, fundamentalistas e neoliberais da última década; e, por fim, o atual desafio da pandemia da COVID-19.

Tendo em mente as particularidades do envelhecimento de pessoas LGBTI+, a literatura sobre o tema aponta uma probabilidade maior de redes de apoio social frágeis, assim como um risco superior da solidão na velhice, quando comparados à população abrangente. Isso ocorreria, entre outras razões, pois:

- a) no passado muitas pessoas LGBTI+ não se casaram ou não tiveram filhos e isso diminuiria as suas redes de apoio social e cuidado na velhice;
- b) muitas também possuíram relações conflituosas ou rompidas com suas famílias de origem, após expulsões e vio-

- lências baseadas em homofobia, lesbofobia ou transfobia, e essa falta de apoio, desde cedo, diminuiria a eventual ajuda de parentes mais tarde na vida;
- c) muitas também perderam um grande número de amigos e apoiadores durante a eclosão da crise epidêmica do HIV/ Aids, e isso teria afetado suas redes de apoio social baseadas nas “famílias de escolha” e amizades;
 - d) uma parcela significativa estaria imersa no contexto das comunidades LGBTI+, as quais seriam apontadas na literatura, em termos gerais, como valorizando a juventude em detrimento do envelhecimento e da velhice;
 - e) a literatura também tende a afirmar que ao acessarem as redes públicas e privadas de saúde muitos LGBTI+ na velhice se defrontariam com preconceitos e violências institucionais que os fariam “voltar ao armário,” no caso de gays e lésbicas, ou mesmo “desfazerem” ou “ocultarem” as suas identidades de gênero no caso de pessoas travestis, transsexuais ou transgêneros.

Essas questões, é claro, ganham contornos ainda mais complexos quando analisamos essas velhices em termos interseccionais e – para além de gênero, sexualidade e idade/geração – levamos em conta também cenários nos quais classe social, raça², regionalidade, nacionalidade, corporalidades, entre outros marcadores sociais da diferença, são considerados.

De maneira a enfrentar os desafios extras que a literatura aponta diante das velhices LGBTI+, um conjunto de instituições voltadas a atuar prioritariamente com esse público tem surgido nas últimas décadas em vários países. No caso pioneiro dos Estados Unidos, em 1978, foi inaugurada na cidade de Nova Iorque a SAGE (*Services and*

² Veja o capítulo 13: Pessoas idosas negras LGBTI+: uma Interseccionalidade de raça, gênero e idade marcada por inequidades e discriminações

Advocacy for LGBT Elders). E no caso brasileiro, no ano de 2017, na cidade de São Paulo, foi criada a EternamenteSOU³, uma importante organização não governamental cuja atuação é em prol de garantir uma oferta de serviços e programas especializados para lidar respeitosa e de gênero na velhice, tendo como plano a abertura do primeiro Centro de Convivência para Pessoas Idosas LGBTI+ do país.

Nesse sentido, retomando a discussão sobre sociabilidade mediada pela internet das pessoas idosas LGBTI+, a EternamenteSOU também possui uma forte preocupação em criar e fortalecer redes de apoio social para o cuidado na velhice, envolvendo socialização intergeracional e o estabelecimento de um ambiente de convivência amigável, digno e respeitoso. Tais questões já eram desenvolvidas antes da pandemia da COVID-19, mas foram adaptadas para o universo digital/online.

Desde o primeiro semestre de 2020 todas as atividades da instituição passaram a se dar de forma online, com exceção da assistência social direta (fornecimento de cestas básicas e alimentação a pessoas LGBTI+ em situação de vulnerabilidade social), exigindo, assim, de seus assistidos e associados uma adesão às facilidades tecnológicas, fomentando ações de sociabilidade mediadas pelo acesso à internet. A instituição, ademais, oferece aos seus assistidos, de forma gratuita, além serviços de atendimento psicológico, jurídico, e de assistência social, cursos e palestras nas mais diversas áreas, tais como saúde, finanças, curso de línguas, cinema, entre outros.

Além de toda a comunicação ocorrer via aplicativos de mensagens, cursos e aulas são ministrados por intermédio de plataformas de comunicação para vários participantes, tais como cursos de inglês, informática e cinema, além de assistência jurídica e psicológica, salas de bate-papo temáticas (como “vida lésbica”, saúde, psicologia, lazer e entretenimento etc.). Destaca-se aqui, neste

³ Veja o capítulo 1: “Precisamos falar de velhices LGBTI+”

último item, a recente realização, pela EternamenteSOU, de uma audionovela, nos moldes das antigas novelas de rádio das décadas de 1940 a 1960, com toda a produção e elenco oriundos das pessoas assistidas pela organização. A iniciativa foi um sucesso no uso das novas roupagens tecnológicas propiciadas por aparelhos celulares.

Por fim, um dos encontros mais significativos da instituição, o *Café & Memórias*, também passou ser realizado de forma virtual. Trata-se de encontros mensais onde todo o pessoal ligado à organização – assistidos, corpo administrativo, colaboradores, voluntários etc. – se encontram para uma confraternização. Anteriormente realizados na sede da organização, quando eram ministradas também palestras temáticas de interesse das pessoas LGBTI+, seguidas de apresentações artísticas e uma confraternização gastronômica, o *Café & Memórias* atualmente se dá de forma virtual, mantendo-se, porém, seu escopo original, qual seja a informação, o entretenimento e a sociabilidade dos associados, sempre tendo como linha mestra um tema específico que propicia a reflexão e a discussão de assuntos ligados à população LGBTI+. Permanece, assim, o caráter lúdico e divertido e ao mesmo tempo informativo e cultural dos encontros, desafiando a pandemia e casos extremos de solidão, além de garantir alternativas de sociabilidade aos seus participantes.

Com essas questões em mente, apesar de tantos desafios em termos de governos ultraconservadores, a pandemia, crises econômicas, políticas e morais, o cenário atual está marcado também por alguns avanços quanto a novas formas de politização do envelhecimento a partir de debates recentes sobre gênero e sexualidade na velhice, entre eles: a) ampliação da visibilidade de pessoas LGBTI+ na velhice; b) alguns avanços políticos, institucionais e acadêmicos da gerontologia LGBTI+; c) criação de instituições e organizações não-governamentais específicas para pessoas LGBTI+ na velhice, como o caso da EternamenteSOU; e, sobretudo d) nascimento e expansão de um orgulho grisalho que associa os movimentos LGBTI+ às pautas do envelhecimento.

As iniciativas de sociabilidade digital da EternamenteSOU, em tempos pandêmicos, demonstram que muito mais do que um facilitador para o pagamento de boletos, as interações mediadas pela internet, nesses novos tempos, se tornam cada vez mais presentes e imperiosas na vida também de idosos e idosas LGBTI+. Para tanto, é preciso ações que garantam formas de educação e inclusão digitais de pessoas idosas de maneira a contribuir para o acesso e atualização quanto aos avanços da tecnologia. Iniciativas como as dos programas da EternamenteSOU, por fim, contribuem sobremaneira para garantir formas de sociabilidades e interações sociais desejáveis em termos intergeracionais e entre pessoas idosas LGBTI+, sobretudo nos casos em que o isolamento e a solidão se davam com intensidade mesmo antes do surgimento da pandemia, tendo sido agravados por ela.

REFERÊNCIAS

- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP: FAPESP, 2012.
- DEBERT, G. G.; HENNING, C. E. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **MAIS 60 – Estudos sobre Envelhecimento**, v. 26, n. 63, p. 8–31, dez. 2015. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/6504a33a-d-dc8-4efd-92e1-c1914a62f088.pdf>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- HENNING, C. E. O Nascimento do Orgulho Grisalho. Idosos LGBT e as batalhas por viabilidades existenciais. In: FACCHINI, R.; FRANÇA, I. (org.). **Direitos em Disputa: LGBTI+, Poder e Diferença no Brasil Contemporâneo**. Campinas: Ed. Unicamp, p.72–86, 2020a.
- HENNING, C. E. O Luxo do Futuro. Idosos LGBT, teleologias heteronormativas e futuros viáveis. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 35, p. 133–158, 2020b. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.35.07.a>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.

- HENNING, C. E. Nem no mesmo barco nem nos mesmos mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. **Cadernos de Campo**, v. 29, n. 1. p. 150-155, 2020c. Disponível em: [10.11606/issn.2316-9133.v29i1p150-155](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i1p150-155). Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 283-323, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- HENNING, C. E. Is old age always already heterosexual and cisgender? The LGBT Gerontology and the formation of the “LGBT elders”. **Vibrant**, v.13 n.1, p. 132-154, 2016a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-43412016v13n1p132>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- HENNING, C. E. ‘Na minha época não tinha escapatória’: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 341-371, 2016b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201600460341>. Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e Pensamento Feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, v. 20. n. 2, p. 97-128, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p97>. Acesso em: 12 de mai. de 2021
- HENNING, C. E. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras**: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. 2014. 422 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas Unicamp, Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281147/1/Henning_CarlosEduardo_D.pdf. Acesso em: 12 de mai. de 2021.
- SIMÕES, J. A. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: BARROS, M. M. L. de (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.